

## A INICIAÇÃO PAULINA

de  
**António de Macedo**

Nos primeiros vinte anos a seguir à morte e ressurreição de Cristo, ou seja, durante o período da «transmissão oral», os seguidores de Jesus eram designados como «os que seguiam a Via». A palavra «cristãos», só surgiu mais tarde, já bastante depois de o judeu Saulo de Tarso se ter «convertido», passando a chamar-se Paulo: Paulo tinha ido para Antioquia, na Ásia Menor, a pedido do discípulo Barnabé, e aí ficaram ambos a pregar durante um ano: «Ensinaram muita gente, e, em Antioquia, pela primeira vez, os discípulos foram chamados cristãos [gr. *christianous*, lat. *christiani*]» (Actos 11, 26).

O episódio da «conversão» (leia-se: **Iniciação**) de Saulo na estrada de Damasco é tão significativo para a história do Cristianismo que no livro dos Actos dos Apóstolos se relata por **três vezes**.

Há uma tendência para se recorrer ao livro dos Actos dos Apóstolos a fim de nos informarmos sobre a «conversão» de Paulo e suas actividades posteriores. Hoje os historiadores académicos reconhecem que os Actos não podem constituir um testemunho histórico fiável. Citemos por exemplo algumas dúvidas e perplexidades que esse documento neotestamentário pode suscitar. Lemos no capítulo 17 dos Actos que Silas, membro proeminente da *ekklêsia* de Jerusalém, e Paulo, viajaram até Tessalónica onde havia comunidades judaicas, e que Paulo, em três sábados consecutivos, foi às sinagogas onde falou com os judeus sobre as Escrituras (Actos 17, 1-4). Alguns dos judeus aceitaram-no mas outros levaram-nos presos, a Paulo e a Silas, perante os politarcas da cidade. Conseguiram porém libertar-se e partiram para Berea, cidade que fica a cerca de 70 km a oeste de Tessalónica:

«Os irmãos, durante a noite, fizeram sair Paulo e Silas para Berea; em aqui chegando, foram à sinagoga dos judeus. Estes eram de melhor acolhimento que os de Tessalónica, e aceitaram a palavra com toda a prontidão de ânimo, esquadrinhando diariamente as Escrituras, para ver se era assim» (Actos 17, 10-11).

Basta ler o Salmo 119 para se compreender que os judeus de Berea, esquadrinhadores atentos da Escritura judaica, jamais aceitariam de bom grado os ensinamentos de Paulo se fossem contra o preceituado na Torah... o que parece não estar de acordo com o que as próprias cartas de Paulo dizem ou deixam entender. Um outro exemplo característico: em Actos 18, 8 e em Actos 19, 5 lemos que Paulo baptiza; mas na sua primeira carta aos Coríntios, o próprio Paulo afirma que, com excepção de Crispo e Gaio, não baptiza nem baptizou ninguém (1 Coríntios 1, 14). Talvez Paulo quisesse deixar explícito que **não baptiza em água** (Iniciação Psíquica).

Assim, e com as naturais reservas atendendo a que se trata de um texto de finalidade iniciática e não um mero relato historicista, vejamos as três versões registadas nos Actos.

A primeira é a versão que nos é dada impessoalmente pelo redactor do livro (que certos autores não consideram ser o mesmo Lucas autor do terceiro Evangelho); as outras duas são contadas pelo próprio Paulo, em primeira pessoa.

**Primeira versão:** — É um versão pessoal, narrada pelo redactor do texto:

«Saulo, entretanto, respirando sempre ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, apresentou-se ao Sumo Sacerdote e pediu-lhe cartas dirigidas às sinagogas de Damasco, a fim de que, se achasse alguns que fossem desta Via, tanto homens como mulheres, os trouxesse algemados para Jerusalém. E andando seu percurso sucedeu que, ao aproximar-se de Damasco, de súbito o envolveu uma luz vinda do céu; e caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: «Saúl, Saúl, por que me persegues?» E ele perguntou: «Quem és, Senhor?» E Ele: «Eu sou Jesus, a quem persegues; mas levanta-te e entra na cidade, e ser-te-á dito o que tens a fazer.» Os homens que o acompanhavam na viagem tinham estacado mudos de espanto ao ouvir a voz, mas sem ver ninguém. Saulo então ergueu-se do chão e embora de olhos abertos, nada via; levaram-no pela mão e assim entrou em Damasco. E esteve três dias sem ver; e sem comer nem beber» (Actos 9, 1-9).

**Segunda versão:** — Após ter sido preso no Templo de Jerusalém, na sequência dum tumulto suscitado pela sua pregação, e ao ser arrastado para a fortaleza Antónia pelos soldados e centuriões

romanos, Paulo pediu licença ao tribuno para falar ao povo. Tendo-lhe sido concedida, disse entre outras coisas:

«... Persegui de morte esta Via, algemando e entregando ao cárcere homens e mulheres, como podem testemunhar o Sumo Sacerdote e o conselho dos anciãos, de quem recebi, até, cartas para os irmãos de Damasco, onde fui prender os que lá se encontrassem a fim de trazê-los agrilhoados a Jerusalém para serem castigados. Ia a caminho, e já próximo de Damasco, quando subitamente, cerca do meio-dia, uma intensa luz vinda do céu refulgiu à minha volta; caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: «Saúl, Saúl, por que me persegues?» Eu respondi: «Quem és, Senhor?» E Ele disse-me: «Sou Jesus o Nazoreu, a quem persegues.» Os meus companheiros viram a luz mas não ouviram a voz do que me falava. E eu disse: «Que hei-de fazer, Senhor?» E o Senhor respondeu-me: «Ergue-te e vai para Damasco, e aí se te dirá tudo quanto está determinado que faças.» Mas como eu não via, devido ao resplendor daquela luz, tive de ser levado para Damasco pela mão dos meus acompanhantes» (Actos 22, 4-11).

Paulo prosseguiu o seu discurso e em dado ponto os judeus que o ouviam impacientaram-se e começaram a gritar e a dizer que semelhante homem não tinha direito à vida, e o tribuno arrastou-o para dentro da fortaleza. Mais tarde é conduzido sob prisão à Cesareia Marítima, ao procurador romano Félix, que o manteve encarcerado durante dois anos até terminar o seu mandato e ser substituído no cargo pelo novo procurador Pórcio Festo.

**Terceira versão:** — Aproveitando a visita de cortesia do rei Herodes Agripa II, bisneto de Herodes o Grande, ao novo procurador, este propõe que Paulo exponha as suas razões na presença do rei. Paulo assim faz, e no meio do seu discurso relata uma vez mais as crueldades que praticou contra os seguidores de Jesus, e depois o que se passou na estrada de Damasco:

«... Muitas vezes percorri todas as sinagogas e castigava-os com torturas, obrigando-os a blasfemar, e excedia-me em fúria contra eles perseguindo-os até nas cidades estrangeiras. Foi assim que indo para Damasco com autoridade e delegação dos Sumos Sacerdotes, vi ao meio-dia no caminho, ó rei, vinda do céu, uma luz mais fulgurante que o sol, que refulgia à minha volta e dos que me acompanhavam. Caímos todos por terra e ouvi uma voz que me dizia em língua

hebraica: «Saúl, Saúl, por que me persegues? É duro para ti recalitrar contra o agulhão.» Perguntei: «Quem és, Senhor?» O Senhor disse: «Eu sou Jesus a quem persegues, mas levanta-te e firma-te nos pés, pois para isto te apareci: para constituir-te ministro e testemunha do que de mim viste e do que de mim verás, tirando-te do teu povo e dos gentios aos quais te vou enviar para lhes abrires os olhos e fazê-los passar das trevas à luz, e do poder de Satanás para Deus. Alcançarão assim a remissão dos seus pecados e a parte que lhes cabe entre os santificados pela fé em mim» (Actos 26, 12-18).

Certos historiadores pensam que estes três relatos do mesmo acontecimento, nos Actos, são apenas *dramatizações* alegóricas do que terá sido essencialmente uma **experiência interna**, uma *revelação* mais psicológica do que mística, mas suficientemente forte para revolucionar e mudar toda a vida de Paulo como podemos inferir do que ele próprio escreveu, numa das suas cartas consideradas autênticas — a epístola aos Gálatas —, sobre o que realmente se teria passado:

«Faço-vos saber, irmãos, que o Evangelho pregado por mim não é conforme os homens, pois não o recebi nem o aprendi de homem algum, mas por revelação de Jesus Cristo. Ouvistes certamente contar como outrora eu vivia no Judaísmo, e com quanto excesso perseguia a Igreja de Deus e a atacava. E avantajava-me no Judaísmo a muitos da minha idade e da minha linhagem, sendo extremamente zeloso das tradições dos meus pais. Mas quando aprouve a Deus — que me reservou para si desde o seio da minha mãe e me chamou pela sua graça — revelar Seu Filho em mim, para que o anunciasse entre os gentios, desde logo não me aconselhei nem com a carne nem com o sangue, nem subi a Jerusalém para ver os que foram apóstolos antes de mim, mas retirei-me para a Arábia, donde depois regresssei a Damasco» (Gálatas 1, 11-17).

Este mistério da retirada para a Arábia (necessidade de isolamento? voto? algum mosteiro essénio?) fica por esclarecer, mas o tom velado de Paulo e as reticências nas suas palavras sugerem que uma parte do que lhe terá sido revelado não era para se apegar no mundo profano, pois terá visto o invisível e ouvido o inaudível (*arcana verba*): *toda a Iniciação é uma experiência interna* — e sobretudo uma experiência de morte-ressurreição, é o morrer do

velho para se renascer no novo, experiência que se objectiva de forma específica na oitava Iniciação Menor.

O que ressalta com clareza é que o redactor, seja Lucas ou um redactor anónimo, nos está a transmitir as **fórmulas dum simbolismo iniciático** muito preciso. Ora vejamos:

- Lugar: uma estrada (uma *via*);
- Tempo: meio-dia;
- Uma luz fulgurante que envolve Saulo: a presença visível — Shekhinah — de YHVH;
- Uma voz supernatural que se lhe dirige (gr. *phônê*, tal como na manifestação do Pentecostes: Actos 2, 1-13), e o admoesta: «Saúl, Saúl, por que me persegues?»;
- A primeira pergunta de Saulo: «Quem és, Senhor?»;
- A resposta de Jesus: «Eu sou Jesus, a quem persegues»;
- A segunda pergunta de Saulo: «Que hei-de fazer, Senhor?»;
- A segunda resposta de Jesus: «Entra na cidade e ser-te-á dito o que tens a fazer»;
- Os acompanhantes de Saulo ou não vêem a luz, ou não ouvem a voz: ainda não estão *prontos*, logo o *mestre* não lhes aparece;
- Saulo fica cego *três dias* e é conduzido a Damasco *pela mão* dos que o acompanhavam.

Na sequência, um certo Ananias, «homem piedoso e cumpridor da Lei» (Actos 22, 12), muito respeitado em Damasco, teve uma visão divina e foi ter com Saulo, à casa onde este se instalara na cidade: impôs-lhe as mãos e fê-lo recuperar a vista. Saulo tornou-se Paulo.

A construção deste breve relato denuncia claramente a *forma dramática* usual (pergunta-resposta) dos **rituais de templo** e dos **rituais iniciáticos** dos antigos como dos novos Mistérios.

A estrada de Damasco é de imediato a via ascensional que o neófito tem de percorrer. O meio-dia, por sua vez, é o início simbólico dos trabalhos dos obreiros do Templo de Salomão, tal como à meia-noite os mesmos trabalhos simbolicamente se encerram. Este cronotopo significa que os trabalhos de Paulo, enquanto obreiro da construção do Novo Templo, aí tiveram seu

início — eis o primeiro passo. A purificação pela água lustral (Batismo) há-de ser o segundo. Reminiscências desta cronometria secreta persistem ainda hoje nos rituais do R. E. R., na Maçonaria Regular.

A Glória da Shekhinah de YHVH mata ou cega o incauto ou o temerário que ouse contemplá-la de frente, como se colhe dalguns exemplos do Antigo Testamento. Já os poetas e os conhecedores pré-cristãos diziam: «Quem vê um deus, morre ou fica cego». Um exemplo que encontramos no antigo paganismo é o de uma versão pouco divulgada da lenda de Tirésias: quando caçava nos bosques do Hélicon, Tirésias foi ter à fonte Hipocrene onde viu a deusa Athena que se banhava, completamente despida. A deusa desvendada enfureceu-se, e para o punir *cegou-o*. Esta cegueira, porém, é sinal duma **visão nova**: a ninfa Cariclo, mãe de Tirésias, implorou à deusa que mitigasse a sua crueldade, e a deusa concedeu ao cego Tirésias o dom da **profecia** e da **clarividência**. O natural transforma-se em símbolo, e a ausência dum sentido físico torna-se sinal do despertar do correlativo **sentido suprafísico**.

Algo de semelhante sucedeu com Saulo: sob a imposição das mãos de Ananias caíram umas escamas (gr. *lepides*, lat. *squamae*) dos olhos de Saulo, que logo recebeu o Batismo (Actos 9, 18) e voltou a ver — mas a ver coisas mais elevadas e de luminosidade inexprimível. A mudança de nome, de Saulo para Paulo, indica o *nomen novum*, ou *nomen mysticum*, que o Mestre confere ao candidato no momento da Iniciação.

Por outro lado importa realçar que a *escuridão de três dias* de Paulo não vai sem paralelismo com os três dias que Jesus passou no *mundo inferno*, ou mundo inferior, entre a Sua morte e a Sua ressurreição, tal como a *escuridão tumular* de Lázaro, balizada do mesmo modo entre uma morte e uma ressurreição (no caso de Lázaro: 1.<sup>a</sup> Iniciação Maior). São símbolos iniciáticos regulares e conhecidos desde os Mistérios egípcios, e os Mistérios helénicos vigorantes ao tempo de Jesus seguem os mesmos passos, tal como hoje as Escolas de Mistérios que não quebraram o fio tradicional. A associação entre os três dias da «escuridão» de Paulo e a «escuridão» do inferno que Cristo iluminou ao nele descer, é fácil de fazer porque a palavra grega Hades, que é o nome do deus dos Mortos e por extensão o próprio local, terrível, onde impera — deriva duma forma

arcaica *aFidês*, que significa «falta de visão». O Hades é pois o local trevoso, ou de invisualidade, onde tem de obrigatoriamente mergulhar o neófito que busca a Iluminação. Como reza o antigo provérbio alquímico: «Para que os ramos duma árvore alcancem o céu, é preciso que as suas raízes mergulhem no inferno».

Depois que Paulo foi iluminado e recebeu de Ananias uma visão nova, diz uma antiga tradição que ficou durante **nove anos** num mosteiro essénio da Arábia, antes de regressar a Damasco e de partir para a sua pregação e para as suas viagens missionárias. Talvez seja apenas o sinal duma chave, aquele **nove**, tal como dizer-se de Maomé que tinha nove esposas, maneira de velar-desvelar que tinha as nove Iniciações Menores. Há quem pense, também, que a permanência de Paulo na Arábia foi o seu noviciado na Escola de Deus, onde teria tido a visão dos Mistérios e dos símbolos iniciáticos contidos na Morte, no Sepultamento, na Ressurreição e na Ascensão de Cristo Jesus: «Quando a luz correspondente à primeira Iniciação o inundou por completo, Paulo regressou a Damasco onde, no fervor da luz recém-descoberta e na inspiração dos elevados contactos que se lhe proporcionaram, o grande Apóstolo em breve atraiu um vasto número de discípulos dedicados e fervorosos» (Corinne Heline, *New Age Bible Interpretation*, vol. VI, 5.<sup>a</sup> ed. revista, Santa Monica 1984, p. 98).

Vejamos mais alguns elementos confirmativos da Iniciação Mistérica de Paulo:

Inácio, bispo de Antioquia martirizado em Roma no ano 107 ou 108 d. C., foi Padre Apostólico (*vir apostolicus*), isto é, conheceu e conviveu pessoalmente com alguns apóstolos, afirma-o João Crisóstomo: «Inácio, em primeiro lugar, conviveu nobremente com os Apóstolos e das presenças deles se gozava como fontes do Espírito. Ora pois, que muito é que quem com eles convivia e com eles a todas as horas lidava, e participava dos seus públicos e secretos pensamentos, fosse finalmente tido por digno de tão alta dignidade?»<sup>1</sup>.

Inácio, na sua juventude, decerto teria conhecido Paulo (além de João, e talvez outros), pois sendo Antioquia a sua pátria, e tendo sido

---

<sup>1</sup> Citado em: DANIEL RUIZ BUENO, *Padres Apostólicos: Edición Bilingüe Completa*, 5.<sup>a</sup> ed. Madrid 1985, p. 383.

de Antioquia que irradiou para o mundo mediterrânico a mensagem de Paulo, os seus caminhos, com toda a probabilidade, ter-se-iam cruzado. O testemunho de Inácio, portanto, convém considerar-se com especial atenção, nomeadamente — e para o caso que nos importa — o seguinte passo duma carta que endereçou à comunidade cristã de Éfeso, onde a recordação de Paulo permanecia muito vívida:

«Sois passagem para os que se elevam a Deus, Iniciados com Paulo nos mesmos mistérios [gr.  $\square\square\square\square\square\square\square y\square\square y\square t\square\square$ ]» (*Carta aos Efésios* XII, 2).

Aquelas palavras gregas, *Paulou symmystai*, também se podem traduzir por «companheiros de Iniciação de Paulo». Ou seja, os Mistérios Cristãos eram um facto, e uma das provas mais evidentes dá-nos o próprio Paulo, quando afirma de si:

«Sei de um homem, em Cristo, que há catorze anos — ignoro se no corpo, ou fora dele, Deus o sabe — foi arrebatado até ao Terceiro Céu. E sei desse homem — se no corpo ou fora dele, não sei, Deus o sabe — que foi arrebatado ao Paraíso e ouviu palavras inexprimíveis [gr. *arrhêta rhêmata*, lat. *arcana verba*] que não é permitido a um homem divulgar» (2 Coríntios 12, 2-4).

Este texto de Paulo revela a existência de um *segredo iniciático*, as tais «palavras inexprimíveis» que o Iniciado recebe e não pode repetir no mundo profano. Recordemos que a expressão que Paulo usa para o inexprimível e incomunicável — *arrhêta rhêmata* —, é um *terminus technicus* utilizado nos Mistérios Órficos exactamente com o mesmo significado. Não deixa de ser sintomático que Jerónimo, conhecedor dos primitivos Mistérios Cristãos, tenha traduzido, na sua Vulgata Latina, aqueles dois vocábulos gregos, *arrhêta rhêmata* («palavras impronunciáveis ou inefáveis»), por *arcana verba*, expressão muito mais forte, pois significa «palavras ocultas ou secretas».

-----ooOoo-----